

«Aparentemente inofensivo, mas diabolicamente engenhoso.»

*Kirkus Reviews*

# MORTE SUSPEITA EM MARLOW



Autor do bestseller *O Clube do Crime de Marlow*

TOP  
SEL  
LER

# ROBERT THOROGOOD

# Capítulo 1

Após a agitação do verão anterior, a Sra. Judith Potts passou o inverno dedicada ao regresso a rotinas mais tranquilas. Acordava tarde, via um pouco de televisão, fazia paciências, dava caminhadas quando lhe apetecia — o que, na verdade, não era assim tão frequente — e não se esquecia de reservar algum tempo para, todos os dias, compilar as suas crípticas palavras cruzadas para os jornais.

Quando as luzes de Natal se acenderam na High Street, manteve-se discretamente afastada das festividades, como aliás sucedia todos os anos. Não que se opusesse ao Natal. Longe disso. Era mais pelo facto de sentir que aquela época do ano pertencia a outras pessoas, principalmente a pais com filhos pequenos e a famílias totalmente decididas a forçar a alegria durante as festividades.

Mas se o Natal era como que uma tarefa árdua, e o tempo entre o Natal e o Ano Novo, uma desconcertante semana de inexistência, Judith sabia que janeiro lhe pertencia. Era quase o seu mês favorito. Em janeiro, ninguém lhe pedia para fazer o que fosse. Ou para ir aonde fosse. Podia recarregar completamente as baterias e proceder a um balanço do ano.

E nadar no rio, claro.

Judith não deixava que o inverno a impedisse de dar os seus mergulhos praticamente diários no Tamisa. Nessa altura do ano,

os mergulhos eram necessariamente curtos, mas ela nunca perdia a oportunidade de comungar com a natureza, e deliciava-se com a sensação de energia que lhe perdurava na pele durante o resto do dia. Adorava nadar, especialmente quando tinha um problema para resolver, motivo pelo qual se encontrava no Tamisa naquela manhã de janeiro em particular.

Estava a tentar solucionar um mistério.

Começara tudo naquela manhã, ao pegar no exemplar semanal do *Marlow Free Press*. Visto que era o início do ano, o jornal estava ainda mais desfalcado de notícias do que era costume — a notícia em destaque dizia respeito ao chocante encerramento de um marco de correio local —, mas era sobretudo pelas crípticas palavras cruzadas que Judith ansiava. Nunca demorava muito tempo a resolvê-las, mas havia uma clareza na resolução das pistas que ela achava imensamente satisfatória. A tarefa daquela manhã não fora diferente. No entanto, ao terminar, olhou para a grelha preenchida e teve o pressentimento de que as suas respostas tinham algo de «estranho». Havia qualquer coisa que o subconsciente tentava dizer-lhe, mas Judith não conseguia perceber o que era. Odiava pontas soltas. Todos os quebra-cabeças tinham de ser resolvidos, considerava ela, e foi por isso mesmo que decidiu dedicar os seus pensamentos ao assunto durante o mergulho matinal.

E foi por estar a pensar nas palavras cruzadas, em vez de atentar ao espaço em redor, que se envolveu inadvertidamente numa luta com um cisne.

Fora sem querer, como contaria mais tarde às suas duas amigas, Becks e Suzie. A culpa nem tinha sido sua, tanto quanto lhe parecia. Tinha sido, sim, de um pato morto que encontrara a boiar de cabeça para baixo, no meio do rio, embora inicialmente não se parecesse nada com um pato. Julgara estar a nadar em direção a uns galhos alaranjados à tona de água. Só ao aproximar-se é que distinguiu finalmente a cabeça, o pescoço e o corpo branco do pato submerso, entrando em pânico e desviando-se para a margem do rio, para fugir.

Ao fazê-lo, nadou inadvertidamente entre uma mãe cisne e as suas crias. Como era janeiro, as crias já estavam quase completamente desenvolvidas, mas a mãe ainda se fez maior, silvando e abrindo um par de asas com uma envergadura maior do que a altura de Judith. Esta interrogou-se por instantes se conseguiria enfiar-se entre a asas do cisne e agarrá-lo pelo pescoço, mas, como quase toda a gente criada no Reino Unido, sabia que «um cisne pode partir-te um braço», assim como supunha também que não seria muito edificante uma mulher de 78 anos, nua, envolver-se numa luta com um cisne.

Porque esse era o outro problema. Como sempre era o caso quando ia nadar, lançando-se à água a partir da casa dos barcos ao fundo do seu jardim, Judith não usava fato de banho. Claro que não. Os fatos de banho eram umas coisas húmidas e ensopadas que se agarravam ao corpo e acabavam com a verdadeira sensação de liberdade que nadar lhe oferecia.

O cisne atirou a cabeça para a frente, lançando um silvo aterrador, e Judith percebeu nesse momento que teria de sair da água, muito rapidamente. Ao menos sabia que estava numa curva do rio onde poucas pessoas costumavam parar.

Mas era justamente por ser um local tão remoto que Ian Barnes o associava a memórias felizes. Ian crescera em Marlow, tendo de lá saído alguns anos antes, e entretanto lembrara-se de levar lá a mulher, Mandie, e os dois filhos pequenos para lhes mostrar alguns dos lugares prediletos da sua infância. Isso incluía aquele lugar encantador ao pé do rio, onde passara tantos dias felizes a observar aves.

E foi exatamente no momento em que Ian apontava para o cepo de árvore de onde, certa vez, avistara não um mas *dois* guarda-rios, que uma mulher desnuda de 78 anos emergiu da água exatamente à sua frente e da família, dando alguns passos apressados ao longo da margem — o seu corpo oscilava de um modo extraordinário — antes de lhes lançar uma saudação extravagante e saltar novamente para o rio, dobrando as pernas junto ao corpo para conseguir fazer uma «bomba» ao entrar na água e provocar o máximo de salpicos.

Quando voltou a emergir, Judith soltou um alegre «aaah!». É claro que se sentira mortificada por aparecer nua diante de outras pessoas, mas decidira exibir toda a confiança e acenar à família antes de voltar a dar um mergulho no rio, para que eles tivessem *realmente* algo para contar. Era o seu presente para eles.

Judith não conseguia parar de sorrir, deixando que a corrente a levasse rio abaixo, com todos os pensamentos acerca das palavras cruzadas do *Marlow Free Press* há muito esquecidos. Continuava a pensar na expressão dos rostos daquela pobre família: aquele horror educadamente contido fá-la-ia sorrir durante meses.

Contudo, foi por causa do incidente com o pato morto e com o cisne mais-que-vivo que Judith regressou à casa dos barcos, no fundo do seu jardim, muito mais cedo do que seria normal. Assim, depois de se embrulhar numa capa de lã cinzenta e entrar na sua mansão Arts & Crafts, chegou mesmo a tempo de ouvir o telefone fixo tocar. Agarrou o auscultador e uma rouca voz de homem perguntou pela Sra. Judith Potts.

— É a própria — respondeu ela.

— Sou Sir Peter Bailey — disse o homem com o tipo de voz que era empregue para motivar os soldados a excederem-se na batalha. — Não nos conhecemos, mas gostaria de lhe pedir um favor. Bem, vou casar-me amanhã.

— Parabéns — disse Judith, reparando que ainda havia brasas incandescentes na sua lareira. Sentia a pele toda arrepiada e tinha os pés frios no *parquet*, pelo que foi sentar-se na sua poltrona favorita e deixou que o lume a aquecesse.

— Passa-se o seguinte, vou organizar um cocktail esta tarde, uma pequena festa de celebração, e gostaria que a senhora viesse.

Judith estava perplexa. Sir Peter era o patriarca de uma das mais proeminentes famílias de Marlow. A que se deveria o convite repentino?

— Nada de muito formal — continuou ele. — Fatos, vestidos, esse tipo de coisas. Serão apenas umas bebidas, para dizer a verdade. Entre as 14 horas e as 14h30. E agasalhe-se bem. A previsão é de céu limpo, mas ainda estará frio. Sabe onde vivo?

Judith sabia onde Sir Peter vivia. Toda a gente em Marlow sabia. Mas sentia-se um pouco irritada por ele presumir que ela desistiria dos seus afazeres por aquele convite de última hora. Já tinha planos para a tarde. Ia comer *crumpets* torrados em frente à lareira, com um pouco de compota de amora que havia comprado no mercado de sábado. E talvez um ou dois dedais de gin caseiro que guardava debaixo da pia da cozinha para ocasiões especiais. Na verdade, por que raio havia de desistir de tudo isso para ir a uma festa?

— É muito gentil da sua parte, mas por que razão me convida?

— É bastante simples. Pensei que a véspera do meu casamento seria a ocasião perfeita para agradecer a algumas das pessoas mais destacadas de Marlow. Está a ver, os Rotários, o grupo paroquial, esse tipo de coisas. E fiquei impressionado com a forma como ajudou a localidade no verão passado.

— Ah, compreendo. O senhor soube disso?

— Toda a gente sabe que ajudou a polícia a resolver aqueles homicídios horrendos.

— Espero que não conte que alguém seja assassinado na sua festa — disse Judith com uma gargalhada.

— O quê? — perguntou Sir Peter. — Claro que não. Porque diz isso?

Judith ficou intrigada. Não sabia porquê, mas percebia que o seu comentário tinha abalado Sir Peter.

— Foi só uma piada — respondeu ela.

— Bem, de muito mau gosto.

— Só será de mau gosto se alguém for morto.

— Aqui ninguém teme pela sua vida. Realmente não entendo por que motivo sugeriria tal coisa. Quer vir à festa ou não?

*Aqui ninguém teme pela sua vida?*, repetiu Judith para si mesma. Que coisa tão estranha de se dizer. Porque teria Sir Peter ficado tão perturbado de repente? Judith decidiu que os seus bolinhos e o gin de abrunho teriam de ficar para outro dia.

— Terei todo o gosto em ir à festa — afirmou.

— Ótimo — disse Sir Peter rispivamente. — Vemo-nos logo à tarde.

Assim que terminou a chamada, Judith marcou o número de Becks Starling.

— Judith, só um instante — disse Becks enquanto respondia. — Colin, mexe o *roux*, sim? Como está? — perguntou ela, de volta ao telefone. — Desculpe, não podemos conversar durante muito tempo, vamos sair esta tarde. — Antes de Judith conseguir explicar o motivo pelo qual ligara, Becks foi novamente dominada pelos acontecimentos. — Sam, para que queres uma caixa de fósforos... não há razão alguma para queres os fósforos, o que é que estás a fazer? Oh, meu Deus — disse ela novamente ao telefone. — Desculpe, agora tenho a Chloe em espera. Passou a noite em casa do namorado. Tenho de atender. Não sei o que se terá passado.

Becks desligou e Judith deu-se conta de que não tinha conseguido falar, nem uma única vez. Sorriu para si mesma. Becks era casada com o vigário de Marlow, Colin, que era um homem muito simpático — com todas as conotações positivas e negativas dessa palavra, «simpático». Apesar de ter dedicado a vida a ser uma perfeita dona de casa e mãe, Becks deixara-se entrar no círculo de amizades de Judith no ano anterior, quando um atirador começou a matar pessoas em Marlow. Desde então, tornaram-se grandes amigas, ainda que Becks receasse que Judith fosse exatamente o tipo de espírito livre em relação ao qual a mãe sempre a alertara. Quanto a Judith, percebia que Becks colocava toda a sua energia na satisfação das necessidades da sua família e da comunidade, e só desejava que a amiga investisse um décimo das capacidades que tinha para atender as suas próprias necessidades. Mas Becks nunca mudaria, Judith sabia disso. Em parte, era por esse motivo que gostava tanto da sua companhia.

Marcou outro número. Depois de uns quantos toques, Suzie Harris atendeu.

— Bem, se não é a famosa Judith Potts — disse Suzie com uma voz que Judith sentiu como ligeiramente teatral.

Suzie era uma mulher de 50 anos solidamente confortável, e o terceiro elemento do grupo de Judith.

— Peço desculpa por ligar assim do nada — disse Judith —, mas acho que acabei de ter uma conversa muito estranha.

— Então, conte-nos tudo.

— O que quer dizer com «conte-nos»?

— Está no ar, cara ouvinte. É melhor ter tento na língua! — acrescentou Suzie com uma gargalhada de cumplicidade.

O sangue de Judith gelou.

Depois da sua súbita fama no ano anterior, Suzie tinha conseguido um programa na estação de rádio comunitária, a Marlow FM, que era emitido a meio da manhã. Suzie partilhava música, recebia telefonemas para discutir os temas quentes do dia e usava todas as oportunidades para promover o seu negócio de passeio e cuidado de cães de uma forma que desrespeitava praticamente todas as regras da transmissão. Mas afinal, como explicava Suzie, ela era mãe solteira — embora as filhas tivessem voado do ninho havia muito — e sempre tivera de se virar para fazer face às despesas. Não ia perder a oportunidade de ter publicidade gratuita.

— Está a transmitir isto? — perguntou-lhe.

— É sempre um gosto receber uma chamada sua, Judith. — Havia um tom ligeiramente possessivo nas palavras de Suzie, o que fez Judith parar. Suzie estava demasiado deslumbrada com o estatuto de celebridade recentemente alcançado, pelo menos segundo lhe parecia, mas isso era assunto para outra ocasião.

— A sério, Suzie, as minhas chamadas para si não deveriam ser transmitidas para toda a cidade. A que horas termina o seu programa?

— Passo a emissão à Karen Hird e aos seus Meninos da Hora do Almoço às 13.

— Boa. Quando terminar, quer ir a uma festa?

## Capítulo 2

A leste de Marlow, o Tamisa alarga em torno de uma pequena ilha que tem uma eclusa de um lado e um açude do outro. Nas calmas águas além deste ponto encontram-se algumas das propriedades mais nobres da localidade.

White Lodge, a casa de Sir Peter Bailey, era talvez a mais grandiosa daquela zona. Tratava-se de uma mansão georgiana de três pisos, revestida a estuque de cor creme, enquadrada num dos lados por um campo de ténis relvado e, no outro, por uma estufa de vidro pintado de branco, com um jardim de estilo isabelino em frente. Nas margens do rio, as faixas de relva cortada pareciam ainda mais nítidas e mais geométricas do que qualquer coisa que os vizinhos tentassem alcançar. Quanto ao barco de Sir Peter, atracado ao fundo do jardim, era uma esguia lancha com acabamentos em madeira polida, importada de Veneza.

Tudo naquela propriedade transpirava dinheiro e, quando chegaram, Suzie não sabia muito bem onde deixar a sua decrépita carrinha, que servia para passear os cães. Por sorte, um adolescente de cara lavada e casaco de alta visibilidade indicou-lhes que deveriam estacionar no campo a seguir ao jardim.

— C'os diabos! — exclamou Suzie enquanto desciam da carrinha. — Imagine-se, ter empregados para organizar o estacionamento na nossa própria festa!

Era um daqueles dias frios e ensolarados de janeiro, com nuvens de algodão contra um céu azul brilhante. Ao entrarem pelo jardim, Judith e Suzie observaram cerca de uma centena de pessoas, todas vestidas de forma elegante, a conversar e a rir junto a uma tenda reluzente.

— Acho que caberiam duas casas inteiras iguais à minha dentro daquela tenda — observou Suzie. — Tem a certeza de que eles não se importam que eu venha consigo?

— Claro que não.

— Não estou propriamente vestida para uma festa.

Suzie era uma mulher grande como uma árvore, com bochechas rosadas e uma voz estrondosa. Vestia um anorake vermelho-vivo por cima de uma T-shirt *Aertex* de cor azul-marinho já desbotada, uns *jeans* muito coçados com lama ressequida junto aos tornozelos e um velho par de botas de caminhada.

— Acho que está perfeita — assegurou Judith.

— OK, então vou culpá-la se alguém reclamar. Bem, onde estão os canapés?

Assim que Suzie fez a pergunta, um jovem empregado aproximou-se com uma bandeja de taças de champanhe. Ela e Judith aceitaram uma taça cada uma, mas Suzie retirou ainda uma segunda.

— Para o meu amigo — disse ao empregado, apontando para um amigo imaginário lá ao longe.

— Bem, isto é adorável — disse Judith, bebendo um gole de champanhe e apreciando a vista.

— É mesmo — replicou Suzie, bebendo a primeira das suas duas taças. — C'os diabos, as bolhas sobem pelo nariz. Não entendo porque é que as pessoas bebem isto. Então, onde anda esse tal Sir Peter que a convidou?

— Não consigo vê-lo. Mas vai perceber quem é quando o vir. Parece um major-general, com um bigodão e voz de comando.

— Judith? — chamou uma voz em tom encantado, antes de acrescentar um «Suzie?» de forma mais comedida.

Becks Starling aproximou-se e Judith pensou que não teria uma visão mais encantadora durante todo o dia. Becks estava sempre radiosa — com o seu cabelo loiro perfeito e as unhas bem cuidadas — mas naquele dia a amiga de Judith irradiava realmente boa aparência. Usava um elegante vestido creme de cava americana com um bolero azul-escuro de caxemira sobre os ombros. E o olhar de Judith foi imediatamente atraído pelo que parecia ser um anel de safira novinho em folha num dos dedos dela. Se a safira fosse verdadeira, aquele anel tinha sido caro.

— Está linda — comentou Judith.

— Acha? — replicou Becks, corando. — Acha mesmo?

— Está sempre linda, mas hoje está particularmente bonita.

De súbito, Becks sentiu-se embaraçada e fez o que sempre fazia após receber um elogio: pediu desculpa.

— Lamento muito o nosso telefonema de hoje — disse. — Estava tão distraída com os miúdos a correrem pela casa e o Colin a atrapalhar-me. E tinha de me arranjar para a festa. Porque me ligou?

— Era apenas para convidá-la a vir comigo — disse Judith. — Não se preocupe, não tem mal algum. Afinal também veio.

— Venho como acompanhante do Colin. Ele vai celebrar o casamento amanhã. Olhe, ali está ele — disse Becks, apontando para o marido, junto à tenda. Como de costume, Colin vestia um fato escuro e um colarinho branco, mas, ao contrário do que seria habitual, estava a conversar com uma mulher que usava um vestido justo inteiramente revestido a lantejoulas douradas. Cada curva do seu corpo cintilava sob a brilhante luz do sol.

Todas ouviram o riso de Colin e, mesmo à distância, as três amigas conseguiam detetar-lhe um tom desesperado, quase bajulador.

Becks franziu o sobrolho.

— Atenção, atenção — alertou Suzie. — *Tempura* de camarão às 15 horas.

Suzie tinha explicado a Judith no caminho para a festa que comer um bom número de canapés numa ocasião como aquela era um trabalho para, pelo menos, duas pessoas. Uma das pessoas tinha de ficar a observar a festa — o que ela decretou que seria o papel de Judith — enquanto o segundo elemento da equipa ficava quase de costas para o primeiro, sinalizando a entrada dos empregados à medida que estes fossem chegando da cozinha. Para a festa de Sir Peter, os fornecedores tinham uma tenda mais pequena que albergava a cozinha e a zona de empratamento, pelo que Suzie se mantinha a olhar nessa direção desde que chegara.

Quando um empregado passou a caminho da tenda principal, Suzie retirou dois grandes camarões do prato dele.

— Obrigadinha! — gritou ao empregado enquanto ele seguia o seu caminho.

— Não sabia que conheciam a família Bailey... — disse Becks às amigas.

— Eu cá não conheço — respondeu Suzie, enquanto fazia malabarismos com o camarão panado demasiado quente que pusera na boca.

— Eu também não — disse Judith, para depois explicar como tinha ido ali parar após a conversa tão estranha que tivera com Sir Peter naquela manhã.

— Mas parece-lhe mesmo que alguém possa ser assassinado aqui? — perguntou Becks, horrorizada.

— Claro que não. Mas não há dúvida de que a minha menção a homicídios o assustou. Algo se passa, não se esqueçam do que vos digo. A propósito, viram Sir Peter em algum lado?

— É curioso — disse Becks. — Agora que fala nisso, ainda não o vi desde que cheguei.

— E se alguém o matou? — perguntou Suzie com um entusiasmo tal que cuspiu pedacinhos do polme frito, apenas alguns

segundos antes de se atirar ao segundo camarão. — Desculpe! — acrescentou, o que não foi boa ideia, pois cuspiu ainda mais pedacinhos, que desta vez caíram no vestido claro de Becks.

— Suzie! — exclamou esta, recuando, horrorizada.

— Desculpe! — repetiu Suzie, enquanto usava a mão para limpar a sujidade do vestido da amiga, fazendo alastrar no tecido uma mancha oleosa ainda maior. — Oh, meu Deus, ainda fiz pior! — constatou.

— Pare, por favor! — implorou Becks, a olhar frustrada para a amiga. — Este vestido foi caro.

— Sinto muito, a tempura de camarão está um pouco gordurosa. Vai ter de mandar limpar isso a seco — acrescentou Suzie, apontando para a mancha no vestido como se oferecesse um sábio conselho.

Ouviu-se o rugido de um motor à medida que um *Triumph*, já antigo e com uma capota de tecido escuro, virava junto à entrada, expelindo uma nuvem de fumo pelo tubo de escape. Parou perto da mansão e do lado do condutor saiu um homem envergando umas calças cremes de sarja e uma camisa roxa de padrão floral sob um casaco de fazenda, passando as mãos pelos longos cabelos escuros.

Mesmo a uma certa distância, era possível ver que o homem era muito bem-parecido.

— Olá, olá — disse Suzie. — Gosto da aparência do novo convidado. Quem acham que é?

## Capítulo 3

Depois de o carro parar, um homem na casa dos 60 anos, com um espesso bigode grisalho e cabelos penteados para trás, saiu da mansão, envergando um blazer azul-marinho e umas calças cor de salmão. Com uma taça de champanhe numa das mãos e um cigarro na outra, dirigiu-se até ao homem mais jovem.

— Ali está ele — disse Becks, apontando para o homem de blazer. — Aquele é Sir Peter.

Todos o ouviram gritar:

— Que diabo estás a fazer aqui?

O homem mais jovem riu-se despreocupadamente e disse que aquela era a sua casa, que podia ir e vir quando bem quisesse.

— Isto sim, já me parece uma festa de casamento — disse Suzie, agradada. — Uma discussão!

Uma mulher saiu do grupo onde se concentravam os principais convidados e caminhou para se juntar aos dois homens. Usava um casaco negro e um vestido simples, tinha cabelo castanho, curto e escadeado, e estava com as faces rosadas, tendo ficado claramente perturbada.

— É a Jenny Page — sussurrou Becks às amigas. — A noiva. Só estive com ela duas ou três vezes, mas é muito simpática. Muito franca...

Becks calou-se quando Jenny começou a repreender o homem mais jovem, enquanto Sir Peter tentava acalmá-la e todos os convidados observavam de modo inquieto aquela situação. Judith pensou que aquela cena a que assistiam poderia explicar o tom peculiar de Sir Peter ao telefone. Havia uma forte discórdia no seio da família Bailey.

— Amanhã é o meu grande dia, como podes fazer-me isto? — ouviram todos Jenny dizer ao homem mais jovem.

— Não estou a fazer nada a ninguém — respondeu ele, sem grande agitação aparente.

— Não fales assim com a minha mulher! — vociferou Sir Peter.

— Ainda não está casado, pai.

— Tens de tornar-te sempre o centro das atenções, não é? — soluçou Jenny. — Não suportas ver ninguém feliz.

Jenny começou a chorar e correu para dentro da mansão.

Sir Peter diminuiu a distância entre si e o jovem e começou a empurrá-lo, continuando a repreendê-lo. E então, após um último empurrão no peito, deu meia-volta e foi para a casa.

Assim que Sir Peter deixou o campo de batalha, os convidados fizeram a única coisa que ingleses e inglesas que se prezem poderiam fazer: voltaram à sua conversa de circunstância como se nada tivesse acontecido. Os empregados levantaram as bandejas e começaram novamente a circular.

— Vamos todos fingir que nada disto aconteceu? — perguntou Suzie.

Colin Starling aproximou-se e juntou-se às mulheres.

— Olá a todas — disse ele. — Presumo que aquele seja o filho, o Tristram.

— Sir Peter tem um filho? — perguntou Judith.

— E uma filha, a Rosanna. Ela anda algures por aqui. São filhos do primeiro casamento. Tive algumas reuniões com Sir Peter e a Jenny nas últimas semanas, e desconfio que o Tristram não aprova que o pai se case novamente. Não precisam de que vos diga, já que é bastante claro que pai e filho não se entendem.

— E não pude deixar de notar que te estavas a entender muito bem com aquela senhora ali, querido — disse Becks, esboçando um sorriso que apenas Colin não percebeu quão mortífero era.

— Sim, é a menina Louise. Dirige uma escola de dança local.

— *Menina* Louise?

Mais uma vez, Colin não percebeu o perigo que corria.

— Foi assim que ela se apresentou.

Antes que Becks pudesse fazer mais perguntas, o jovem caminhou até ao grupo. De perto, era realmente muito bonito, pensou Judith. Trintão, tinha um maxilar forte e uns olhos azuis cintilantes.

— Queiram desculpar a confusão — disse ele com um sorriso triste. — Ainda há champanhe? — acrescentou, com uma piscadela de olho a Becks, e Judith sentiu que a pergunta trazia uma sedutora carga de malícia.

— Não estou certa de que Sir Peter ficasse muito satisfeito com isso — disse Judith no tom mais matronal de que era capaz.

— Então, que tal simplesmente juntarmos isso à longa lista de coisas com que ele não está satisfeito? — disse o homem. — Tristram Bailey. Deveria ter-me apresentado. E acho que vou procurar uma bebida. Vemo-nos amanhã no casamento.

Judith e as suas amigas entreolharam-se, surpreendidas com o sangue-frio de Tristram após aquela explosão em público.

— Bem, ele parece muito seguro de si — disse Judith.

Ao longe, os sinos da Igreja de Todos-os-Santos ressoavam pela cidade assinalando as três da tarde. Judith virou-se e olhou na direção da igreja, do outro lado do rio, e viu um grande barco a motor a passar ao fundo do jardim. Estava ela a pensar «que monstruosidade horrível», quando se ouviu um enorme estrondo vindo do interior da casa, e um som de vidros a estilhaçarem-se.

Toda a gente parou e olhou na direção da mansão. Jenny apareceu numa das janelas de sacada do piso superior, igualmente atraída pelo barulho.

— O que foi isto? — perguntou aos convidados lá em baixo.

Tristram deu meia-volta e dirigiu-se à casa. Depois de alguns momentos de indecisão, Judith foi atrás dele, seguida por Suzie, Becks, Colin e meia dúzia de convidados.

— Sabe o que poderá ter sido isto? — perguntou Judith atrás de Tristram.

Tristram não respondeu, entrando de modo decidido na mansão.

— Foi um som... desmesurado — disse Judith às amigas enquanto entravam pela mesma porta, achando-se logo em seguida num vestíbulo com lajes de pedra.

Tristram já se encontrava no corredor principal, pelo que ela continuou em frente para se juntar a ele, seguida de perto pelas amigas e por outros convidados.

Quando chegaram ao corredor, Jenny descia apressadamente a escadaria.

— O que se passa? — perguntou ela.

— Precisamos de encontrar o meu pai — disse Tristram, começando a abrir portas que conduziam do corredor principal à sala de estar, a uma segunda sala de estar, à cozinha. Os outros convidados começaram também a espalhar-se pela casa.

— Não estava contigo no jardim? — perguntou Jenny a Tristram.

— Julgava que vocês estavam juntos.

— Percebeu de onde veio o estrondo? — perguntou Judith a Jenny, procurando direcionar as buscas.

— Não — disse Jenny. — Mas veio de certeza de algum sítio no andar cá de baixo.

— Pai? — gritou Tristram, mas não obteve resposta. — Onde está? Pai? Oh, meu Deus — exclamou ele amargamente, como se uma ideia lhe tivesse ocorrido ao sair do corredor.

Todos o seguiram por um corredor que terminava numa antiga porta de madeira com dobradiças enferrujadas. Ele agarrou no aro de ferro que servia de maçaneta e girou-o, mas a porta não se abriu.

— Pai? — chamou através da porta. — Está aí?

Não houve resposta.

— O que há do outro lado? — perguntou Judith.

— O escritório do meu pai.

Tristram girou a maçaneta novamente e empurrou a porta com força, encostando o ombro.

A porta não se mexeu.

— Alguém trancou a porta.

— Há alguma chave? — perguntou Judith.

Ela percebia que Tristram estava a ficar em pânico ao entrar no corredor em direção à cozinha. Enquanto ele desaparecia, uma mulher de aparência perturbada, que Judith não tinha visto antes, correu na direção deles. A mulher tinha cabelos escuros e lisos e vestia um casaco militar vermelho-vivo com uma guarnição entrançada e dourada nos punhos e na gola.

— O que aconteceu? — perguntou.

Os modos da mulher eram bruscos, diretos e, tal como o seu casaco, tinham algo de militar.

— Não sabemos — disse Jenny. — Ouviu-se um estrondo enorme e agora não conseguimos encontrar o Peter.

— Sim, eu ouvi — disse a mulher em anuência, o que Judith achou estranho. Claro que a mulher ouvira o barulho. Toda a gente tinha ouvido.

— Desculpe, quem é você? — perguntou Judith.

— Rosanna — respondeu a mulher, surpreendida com a pergunta. — Rosanna Bailey.

Tristram reapareceu vindo da cozinha e segurava um extintor de incêndio.

— Tristram? — disse Rosanna. — O que estás a fazer?

— Afasta-te — disse ele.

Todos eles abriram espaço para que Tristram se colocasse à frente da porta e conseguisse bater com o pesado extintor de incêndio contra a madeira, logo acima da maçaneta. A porta mal se moveu. Tristram recuou o extintor e em

seguida fê-lo embater com toda a força contra a porta. Desta vez, ouviu-se o som de madeira a rachar, ainda que a porta não se abrisse. Ele puxou o extintor para trás uma terceira vez e atirou-o contra a madeira ainda com mais vigor. De novo o som da madeira a quebrar e a porta cedeu finalmente uns quantos centímetros.

Tristram entrou na sala, seguido pelos outros, e todos viram que um grande armário de mogno encostado à parede havia caído e se encontrava tombado no chão.

Um par de pernas envoltas numas calças cor de salmão sobressaía debaixo do móvel.

— Ai, meu Deus, Peter! — gritou Jenny, correndo até ao armário. — Temos de levantar isto!

Toda a gente correu para o armário, alinhando-se em volta dele, e, com grande esforço, conseguiram levantá-lo até o deixarem novamente de pé. E toda a gente viu então o corpo de Sir Peter, estendido entre cacos de vidro e bocados de equipamento de laboratório que tinham caído das prateleiras.

Havia uma mancha de sangue no rosto dele, o braço direito estava torcido de um modo grotesco sob o corpo, e o esquerdo havia sido deslocado para o lado. Alguns dos dedos encontravam-se dobrados num ângulo arrepiante.

Não respirava.

Jenny caiu de joelhos ao lado de Sir Peter e tentou sentir-lhe a pulsação no pescoço.

— Peter, não! Peter! — gritava ela.

— Cuidado com os vidros — advertiu Colin de modo um tanto ou quanto desnecessário, mas Jenny não estava a ouvir. Tentava desesperadamente encontrar sinais de vida no pescoço e no pulso do noivo.

— Jenny, precisa de sair daí imediatamente — disse Becks, indicando a Colin que retirasse a mulher dali.

— Saiam todos da sala — ordenou Judith. — E alguém chame a polícia!

Com a menção da polícia, o grupo pareceu voltar à vida. Becks e Colin levantaram Jenny, que chorava ajoelhada ao pé do corpo, e a divisão ficou vazia. Judith deixou-se para trás, a fim de dar uma rápida vista de olhos ao espaço. Era um típico escritório masculino, mas Judith notou que não havia qualquer lugar onde alguém pudesse esconder-se. Sir Peter estava sozinho naquela sala quando o armário lhe caíra em cima.

Reparou também na velha fechadura de metal que havia destruído a aduela da porta. Fechou-a para verificar se a fechadura realmente batia certo com os estragos. Encaixava na perfeição. A porta estava mesmo trancada quando Tristram a arrombara — embora Judith tivesse ficado surpreendida com a facilidade com que a porta se movera. A madeira parecia ter centenas de anos e as dobradiças estavam cheias de ferrugem, e desde quando é que uma porta tão antiga se fechava tão suavemente? Observou as dobradiças e viu que brilhavam.

Tinham sido oleadas recentemente.

Examinou uma das dobradiças mais de perto. Emanava um odor estranho, pensou para si mesma. Algo que não fazia muito sentido. Mas o que seria?

Suzie voltou.

— Está a investigar? — indagou num sussurro teatral que poderia iniciar uma avalanche no vale ali perto.

— Não sei — respondeu Judith.

— A Becks e o Colin levaram a Jenny lá para cima, e eu levei toda a gente para a rua, para esperarmos pela polícia. O que se passa com a porta?

— São as dobradiças. Acho que foram oleadas. E têm um cheiro estranho.

Suzie encostou o nariz à dobradiça mais próxima e inalou.

— Tem razão — disse ela. — Este cheiro parece-me familiar. O que é?

— Então, não é impressão minha? — perguntou Judith.

— Não, acho que não — disse Suzie enquanto passava o dedo pela dobradiça oleosa para depois o lambar.

— Tem razão — disse ela. — É azeite.

— É isso! — concordou Judith, reconhecendo o cheiro. — Era mesmo a isso que me cheirava: a azeitonas. Quem olearia uma dobradiça com azeite?

## Capítulo 4

Todos os que estavam na festa, desde a equipa de *catering* até aos convidados, acumulavam-se à frente da casa a aguardar pela chegada da polícia. As únicas pessoas que não estavam presentes eram Jenny, Becks e Colin. Permaneciam no interior de White Lodge, no andar superior.

— Se calhar olear dobradiças com azeite é o que fazem as pessoas chiques — disse Suzie a Judith. — Um lubrificante de ferragens não lhes chega.

Judith sorriu, mas estava a perscrutar a multidão e tentava perceber o que sentia sobre a morte de Sir Peter. Via Rosanna Bailey, numa das extremidades do grupo, a ser consolada por alguns amigos. Judith não pôde deixar de reparar como era fácil distingui-la no meio da multidão. Quase todos os convidados traziam roupa de cores suaves, pelo que o seu casaco vermelho, da mesma cor dos marcos de correio, destacava-se como um farol. Reparar em Rosanna levou Judith a lembrar-se de Tristram e a tentar localizá-lo. Não o encontrou.

— Vê o Tristram em algum lugar? — perguntou a Suzie.

— Não — respondeu esta. — Onde se terá metido? A propósito, reparou na forma como ele olhou para a Becks?

— Reparei.

— Bom, você tem razão, ela hoje está linda, não está? Decididamente, o nosso Sr. Tristram Bailey deu por ela quando se aproximou para conversar conosco.

— Talvez tenha sido por causa daquele anel novo de safira que ela traz no dedo. Calculo que tenha custado uma boa quantia.

— Qual anel de safira?

— Não notou? Devia reparar. É bastante impressionante, com a pedra lapidada em baguete e engastada em ouro velho. Imagino que o Colin lho tenha oferecido.

— Acha que ele lhe compraria um anel assim tão bom?

As mulheres entreolharam-se, reconhecendo o quão improvável isso seria.

Dois carros de polícia e uma ambulância entraram no acesso da mansão, com as luzes a piscar e fazendo barulho sobre a gravilha, acabando por estacionar junto ao edifício. Assim que pararam, Becks saiu de dentro de casa e dirigiu-se aos veículos.

Judith e Suzie viram uma mulher sair do carro da frente e olharam uma para a outra com um sorriso.

— Bem, isto é uma reviravolta para constar nos livros — disse Suzie.

— Mas que sorte — disse Judith. — Vamos?

— Sim. Acho que sim.

As duas mulheres caminharam em direção ao carro-patrolha e alcançaram Becks ao mesmo tempo que esta chegava junto da sargento-detetive Tanika Malik.

— Cá nos encontramos novamente numa situação destas — disse Judith.

— O que é que vocês as três fazem aqui? — perguntou Tanika, surpreendida.

Com quarenta e poucos anos, Tanika tinha cabelos lisos atados num rabo-de-cavalo repuxado e usava um fato cinzento-antracite. Fora ela a agente de investigação sénior interina dos homicídios que tinham ocorrido em Marlow no verão anterior,

e só resolvera o caso quando permitira que Judith e as suas amigas a ajudassem.

— É uma mera coincidência — explicou Becks, atrapalhada. — Mas quando vi a Polícia chegar, pensei vir cá fora dizer-vos que o homem que morreu, Sir Peter Bailey, estava prestes a casar com uma mulher chamada Jenny Page. Eu e o Colin levámo-la para o quarto deles no andar superior. Ela não está nada bem. Se precisar de falar com a Jenny, é lá que ela se encontra. Na verdade, eu devia voltar para perto dela... se não houver problema?

— Está com a noiva de Sir Peter? — perguntou Tanika.

— Estou, sim.

— Obrigada, isso é muito gentil da sua parte. Pode dizer-lhe que iremos falar com ela depois de salvaguardarmos o local onde se deu a morte? Mas só quando ela se sentir pronta.

— OK — respondeu Becks, e voltou para o interior da casa.

Tanika olhou para Judith e Suzie e pôde distinguir um brilho nos olhos das duas.

— Querem mesmo convencer-me de que a vossa presença aqui é uma coincidência? — perguntou ela.

— Bem, é curioso dizer isso — replicou Judith. — Não é *inteiramente* uma coincidência. Mas eu explico-lhe melhor depois de examinarem o corpo. Entretanto, acho que seria útil se tratasse isto como uma morte suspeita.

— Porque diz isso?

Antes que Judith pudesse responder, um Tristram de rosto pálido e triste juntou-se às mulheres.

— Vai querer falar comigo — disse ele a Tanika. — Chamo-me Tristram Bailey. Sou o filho do meu pai. Quero dizer, o filho de Sir Peter. O homem que...

Tristram não conseguiu terminar a frase. Parecia completamente arrasado.

— Vamos — disse Tanika, num tom profissional que lhe permitia ser simultaneamente afável e pragmática. — Está frio cá fora. Entremos e poderá contar-me o que ocorreu.

Tanika colocou a mão no cotovelo de Tristram e guiou-o em direção à mansão.

Suzie e Judith perceberam que a sua presença não era muito útil ali e que Tanika estava certa ao dizer que estava frio. Desde que o sol se pusera, todo o calor ameno do dia tinha dado lugar a um frio gélido.

— Faz um frio danado cá fora — disse Suzie.

— Então, é melhor irmos para dentro — disse Judith, olhando para dois agentes que explicavam aos convidados que iriam recolher depoimentos de todos os presentes.

— Não podemos interferir. A Tanika matava-nos.

— *Interferir?* — exclamou Judith, fingindo-se indignada. — Interferir é coisa de amadores.

Suzie riu-se.

— Nós investigamos.

— Tudo bem — disse Suzie. — O que vamos, então, investigar?

— A cozinha de Sir Peter.

— Porquê? O que procura?

— Não é óbvio? Uma garrafa de azeite usada recentemente.

Já dentro do escritório, Tanika tomou alguns instantes para observar a sala onde o corpo de Sir Peter se encontrava. Havia uma confusão de papéis sobre uma velha secretária, um cinzeiro e um copo de vinho vazio ao lado de uma poltrona desbotada, esta última perto de uma lareira em pedra repleta de cinzas. Atrás da secretária havia um par de radiografias, antigas e emolduradas, mostrando caixas torácicas humanas. Ela interrogou-se sobre o motivo de estarem ali.

Houve um clarão intenso quando um dos polícias fotografou o corpo de Sir Peter, e Tanika decidiu inspecioná-lo. Ao agachar-se, viu que ele estava deitado em cima de velhos equipamentos científicos e recipientes de vidro, provetas e frascos partidos. Havia um osciloscópio antigo, suportes de metal dobrados e um bico

de Bunsen; para além disso, válvulas ligadas a componentes de circuitos elétricos. No meio daquele caos havia pequenas etiquetas amarelecidas, com escritos em tinta desbotada, que incluíam menções a «Papel de Tornassol», «Sulfato de Bário» e «Hidróxido de Alumínio». Havia também manchas de diferentes pós coloridos no tapete, assinalando os locais onde o conteúdo dos vários recipientes se tinha derramado.

Tanika supôs que aquele equipamento científico talvez estivesse relacionado com as radiografias penduradas na parede.

Quanto ao corpo, Tanika reparou que as mãos, o pescoço e a cabeça estavam cortados nas zonas onde os equipamentos de vidro haviam sido esmagados quando o armário tombou. Havia também sangue já seco no rosto dele e emaranhado nos cabelos escuros. Havia ainda contusões consideráveis, um evidente sinal de trauma. Não era de espantar, pensou ela ao observar o armário de madeira. Era quase duas vezes mais alto do que ela, com pelo menos quatro metros e meio de largura e feito de madeira de mogno negra como azeviche. Os entalhes ornamentais no topo do armário — e os riscos e marcas de muitas décadas de uso — faziam com que a peça fizesse lembrar o tipo de móvel que se encontraria numa igreja ou numa escola. Ela não ficaria surpreendida se pesasse uma tonelada.

Considerando o seu volume significativo, deu por si a pensar sobre como teria caído. O móvel assentava tão perfeitamente no chão... Era difícil imaginá-lo a colapsar, quaisquer que fossem as circunstâncias. Era uma pena que os convidados tivessem sentido a necessidade de o erguer de novo, pensou ela. Era compreensível, claro, mas isso significava que a cena tinha sido comprometida antes de ela e a sua equipa chegarem.

Tanika olhou pelas grandes janelas panorâmicas. Estavam ladeadas por pesadas cortinas que cheiravam a pó e a fumo. Do lado de fora, abaixo da janela, ela distinguia uma moita de arbustos na escuridão. Quanto às janelas propriamente ditas, tinham uma estrutura de metal um pouco enferrujada em alguns pontos,

e as fechaduras e os trincos haviam sido pintados muitas vezes. Uma rápida inspeção mostrou a Tanika que havia anos que nenhuma era aberta.

Lembrou-se do que Judith lhe dissera. Ela sabia que Judith podia ser irritante por vezes, excêntrica sempre, mas não era propensa a voos da imaginação quando se tratava de um assunto como homicídio. Se dizia que a morte de Sir Peter era suspeita, então valia a pena considerar isso como hipótese inicial.

Voltou-se para o agente mais próximo.

— Consegue tentar encontrar a chave da porta? Estou a ver que alguém teve de a arrombar para chegar ao corpo.

— Acho que já a temos — disse ele, mostrando um saco de provas com uma velha chave de ferro. — Estava no bolso das calças do falecido.

— Foi o falecido que trancou a porta?

— E segundo consta estava aqui sozinho quando os convidados arrombaram a porta.

— Pode falar com a família? Veja se há mais chaves desta divisão...

— Certíssimo.

Tanika olhou primeiro para o cadáver, depois para o armário que o tinha esmagado. Que diabo teria acontecido?

«O policial no seu melhor.»

*Crime Monthly*

Judith Potts, 78 anos, viúva (não se sabe exatamente o que aconteceu ao marido), nadadora no Tamisa (sem roupa) e conhecedora de whisky, vive sozinha, mas não está propriamente só. Com as suas amigas Suzie (uma excêntrica passeadora de cães) e Becks (a antes cerimoniosa, mas agora afoita esposa do vigário), integra o **Clube do Crime de Marlow**, responsável pelo desvendar de um dos maiores mistérios ocorridos na pequena cidade.

Ao receber um telefonema de Sir Peter Bailey, um dos mais distintos habitantes de Marlow, a convidá-la para uma festa na sua mansão, na véspera do seu casamento com a sua enfermeira pessoal, Judith não hesita em aceitar. Afinal, fica perto de casa e é quase certo que haverá champanhe de graça.

Todavia, durante a festa, os convidados ouvem um barulho terrível vindo de dentro de casa, e quando as três detetives amadoras acorrem para saber o que se passou, dão de caras com o futuro noivo estendido no escritório, esmagado por um armário gigante.

Como a divisão estava trancada por dentro, a polícia põe de parte a hipótese de se tratar de um crime. Só que Judith tem outra opinião: Sir Peter foi, obviamente, assassinado!

**O Clube do Crime de Marlow** vê-se no centro de um enigma impossível de resolver, e cabe-lhe descobrir quem foi o assassino. Antes que este volte a atacar...



Do mesmo autor:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@ topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789896238827



9 789896 238827 >